

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados. 50 » »
Repetições 25 » »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

FRANQUEZA

A violencia nunca foi habilitada, abusos nunca foram esperanzas.

Os chefes monarchicos em face do republicanismo, sejamos sinceros, nada fizeram para obstem ao seu progresso, antes as administrações ruinosas, umas sobre as outras, sem que a situação critica do thesouro os cohibisse, contribuíram para augmental-o.

Crescia o descontentamento em todo o paiz, e era preciso fazer ver tanto ás classes incultas, como ás illustradas, que ainda para nós a fórma constitucional prima sobre a republica — a imprensa, que devia esclarecer o sobre este ponto, pouco tratou d'isso — (esta censura não nos abrange).

O principal era mostrar, que os governos da monarchia se interessavam pelo bo n regimen economico, pelo commercio, pela producção agricola e industrial, mas os factos não eram de molde a desfazerem as más impressões e a refutarem a critica vehemente dos republicanos.

Toda a politica ingleza consiste em promover e assegurar o interesse dos seus productores e operarios.

E assim que a monarchia na Inglaterra se tornou popular e estavel, e respeitada.

O celebre revolucionario italiano José Mazzini diz — lá o direito d'associação é sem limites, a expressão do pensamento sagrada, inviolavel — todos os dias se discursa contra tudo, e a policia auxilia os oradores sustentando a ordem e o socego nos comicios.

Um ministro, lord Palmerston, propoz algumas restricções ao direito de liberdade, de que os estrangeiros, e os proscriptos politicos gosam na Inglaterra; cincoenta mil protestantes contra o projecto ministerial reunem-se em *Hyde-Park*: no dia seguinte o ministro retira a sua proposta, e demitte-se.

E' assim, que lá se não contraria, nem se affronta a opinião manifestando-se por uma fórma attendivel. Cá protesta a imprensa, protestam os comicios, a indignação geral sobe ao seu auge — e os ministerios, que teimam em actos claramente escandalosos, não se demittem, resistem, e provocam o desejo da mudança de regimen, como se ahí estivesse a correção, o remedio.

E nenhum ministro, que se denunciou indigno e incompetente, não se inutilisa, volta ao poder, como se bem merecesse d'aquelles, que o toleram.

Cabe pois ao chefe dos partidos uma grande culpa.

Convinha e convém fundar clubs ou associações em opposição ás republicanas, e á imagem das que os reacionarios organisam, pois era necessario não deixar as classes inferiores, serem excitadas por discursos tendo só por fim o descredito das instituições actuaes sem haver quem as illude sobre os inconvenientes d'uma republica, sem a virtude, sem o privilegio d'evitar os maus governos.

Por fim veiu um governo de surpresas — os seus ultimos decretos eram cruéis e loucos, onde o crime, que se deplora, achou um pretexto.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

JOÃO FRANCO

E TOVAR DE LEMOS

O nosso ministro em Madrid, apenas o ex-dictador chegou a esta capital, foi visital-o, e com elle almoçou — acto estranhavel sem duvida nas circumstancias em que ambos estão — devia ser mais reservado.

Não tenho nenhum ressentimento, nem devo ter contra o Sr. Tovar de Lemos. Meu concorrente ao logar, que nos abria a carreira na diplomacia não foi elle o proferido, e comtudo obteve o despacho. Explicarei.

O duque de Loulé, ministro então dos negocios estrangeiros, amigo de meu pai, attendendo aos seus grandes serviços no Cerco do Porto, e bem ao facto de que o meu concorrente, filho, neto, e sobrinho de miguelistas, não tinha muito que agradecer á Minerva, acabou por dar a sua palavra d'honra, de que eu seria o despatchado.

Mandou lavrar o diploma em meu nome ao Sr. Martins, ha pouco fallecido, com graus diplomaticos, e servindo na secretaria.

Entretanto cae o ministerio, e o duque é incumbido de formar o novo.

Nenhum dos seus antigos collegas, a não ser o Sr. Abreu e Sousa, aceitou a pasta, que lhe offereceu. O duque irritado disse, «hei-de mostrar, que acho ministros atraz da minha porta».

Um dos que achou, e que hoje põe na cabeça uma das mitras honorarias, aborda o Sr. Martins, e pergunta-lhe, «em nome de quem lavrou o diploma?»

Em nome de Lourenço d'Almeida e Medeiros. Mude para Tovar de Lemos, estou authorisado a isso pelo duque.

O Sr. Martins, não desconfiando de tal ordem, assim fez.

O duque de Loulé leva na pasta á assignatura real o despacho do meu concorrente — depois o conde de Rio Maior, o deputado José de Moraes, e Sousa Pinto Basto, que desde logo o abandonou, ou saram increpal-o, e elle e o Martins desculpando-se, revelam o ignobil estratagem do mitrado, sabujo do duque e de Brancaamp.

Foi esta a segunda canalhice, que me tolheu a entrada na carreira unica, que eu podia seguir.

A primeira, ainda mais infame, de quem abusou da minha confiança e dos meus direitos, hei-de contar-a com todos os seus escandalosos pormenores, e brevemente.

Então dois cavalheiros indigenas, não poderão extranhar-me o não ter eu a religião dos mortos, os quaes parece que mais respeitam do que os vivos.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

KODAK

IV

Ainda creança, sentiu bater fortemente no peito um coração de patriota. E foi assim que, quando a Inglaterra nos cuspiu o insultuoso ultimatum, a alma nacional

vibrou de indignação ao receber a tremenda bofetada da cynica Albion, já elle havia abraçado a causa democratica.

Riram-se, talvez, do pequeno estudante, por verem um coração juvenil suspirando pela Nova Ideia e ambicionando uma Patria livre. Sem um desfalecimento, tem lutado sempre pelo seu ideal sonhado. A evolução da nossa politica fez d'elle um sceptico, e hoje ninguém poderá contestar-lhe a justiça que lhe assistia. Figura distincta e sympathica do partido republicano de Ovar, impõe-se á consideração dos seus adversarios politicos pela correção do seu proceder e pelas captivantes e fidalgas maneiras com que a todos acolhe.

Gil-Braz

A ALLIANÇA INGLESA

IV

A Inglaterra não protegia os liberaes e perante o problema politico de Portugal o governo britannico havia adoptado a attitude de expectativa. É claro que essa attitude era a mais justa, porque nada ha que mais deva repugnar aos sentimentos de qualquer nacionalidade do que a intervenção de uma potencia extranha nos seus negocios internos. Mas a Inglaterra não o fazia por isso: ella especulava ainda, como sempre Nada o affirmamos nós: confessa-o a propria Inglaterra pela bocca de um seu chefe de governo, lord Grey, o qual um dia disse ao ministro portuguez Sarmento, n'um momento de colera, estas sincerissimas palavras: «Desenganem-se todos, que o governo inglés não tem predilecção por nenhum governo estrangeiro, nem por nenhuma familia reinante; as suas resoluções têm sómente por fim promover os interesses nacionaes (1).

Effectivamente a Inglaterra de que tratava principalmente era de não perder a influencia de que sempre dispusera junto do governo portuguez e que lhe assegurava a preponderancia mercantil que ella em Portugal exercia, e por isso o seu procedimento, quando se declara o conflicto entre absolutistas e liberaes, é tão dubio e inconstante, inclinando-se ora para uns ora para outros, consoante as circumstancias faziam pender para um ou outro lado as probabilidades do triumpho definitivo.

Comtudo, o que tambem é certo é que, embora a Inglaterra não se empenhasse nunca a valer a favor da causa realista, ella se inclinou de preferencia para essa causa. E isto o comprovam muitos factos que referiremos.

Assim, quando D. Pedro fallou em outhorgar uma carta constitucional á nação portuguesa, Stuart, o representante inglés que D. Pedro ouvia em tudo com respeito e era d'essa fórma, no dizer de Oliveira Martins, como que um accessor que a Inglaterra man tinha junto dos monarchas portugueses, na Europa e na America

(1), não applaudiu a ideia, porque ella se fundava, no espirito de D. Pedro, no desejo de estreitar sympathias entre Portugal e o Brazil e de obter da antiga metropole, em paga do dom da Carta, auxilios militares que ajudassem o Brazil na guerra do Sul em que andava empenhado. E a Stuart, como fiel interprete e procurador dos interesses ingleses (2), não convinha ligar, mas scindir definitivamente os dois Estados da Monarchia Portuguesa, não prejudicando a obra consummada em 1815 (3), que era sua. Stuart tentou portanto demover D. Pedro, aconselhando-lhe antes a convocação dos antigos Tres-Estados para estes regularem definitivamente a questão politica.

«Mas, contra esta resolução, surgiram argumentos serios, diz Oliveira Martins. D. Pedro, — toda a sua vida o mostra, — queria ser um Washington, sem, comtudo, deixar de ser um monarcha. A liberdade era um presente, e não o reconhecimento de um direito popular. Dar uma Carta, satisfazia-o; entregar aos Tres-Estados a decisão das questões pendentes, não só era perder a occasião de um acto que lhe afagava a vaidade, como era correr o risco de as côrtes ganharem consciencia do seu direito e desconhecem os direitos da realza. Apontou a Stuart o exemplo de 1789 em França. Decidira-se a não consentir que fosse ninguém, senão elle, a origem da felicidade dos portuguezes. A Carta estava feita (29 de abril); já nas vespuras confirmara os poderes da Regencia; já amnistiara todos os crimes politicos; e tres dias depois, D. Pedro, que de Portugal nada queria senão um motivo de gloria vaidosa e um exercito, publica a sua abdicção na filha, sob condição de juramento da Carta e casamento com o tio D. Miguel Tudo estava combinado, arranjado, satisfatoriamente, a contento das vaidades de uns, das ambições de outros, dos interesses de todos. O inglés trouxera o contrato: agora levava a Carta. O Brazil retribuia ao papel; e o mercurio Stuart, de viagens em viagens, servia as côrtes brigantinas, servindo os mercadores ingleses que as sugavam.

«Receiando, porém, as consequencias das decisões tomadas, Stuart ainda exigiu de D. Pedro uma condição: a Carta não seria outhorgada sem que previamente os Tres-Estados, reunidos, a jurassem. Não se reformaria a constituição organica do reino sem que primeiro houvesse a certeza de que Portugal a approvava (4).

Portugal era d'este modo no entender de Stuart a reunião das antigas côrtes em que, fatalmente, como mais tarde se viu quando convocadas por D. Miguel, prevaleceria a vontade das classes privilegiadas e dos energumenos populares assoldados por essas mesmas classes á causa do absolutismo.

Pela sua parte Canning era da mesma opinião, não obstante a sua fama de jacobino. Quando soube dos papeis de que Stuart era portador, escreveu-lhe dizendo que tudo era o que se desejava, exce-

pto a Carta. Comtudo elle recommendou a Stuart e ao residente diplomatico em Lisboa. A Court, que se abstivessem de intervir com a sua influencia pró ou contra a Carta, não obstante ser mister reclamar contra a extincção do juiz conservador, abolido pelas constituintes de 1820, e contra as restricções postas ao culto protestante na capella inglesa, consignadas no novo codigo constitucional.

A abstenção que Canning recommendava aos seus agentes era calculada, porém. Elle bem sabia do ardor com que os absolutistas trabalhavam para evitar a execução da Carta e da força de que elles ainda dispunham. A regente D. Izabel Maria nas Caldas da Rainha havia recebido das mãos do mercurio Stuart, para nos servirmos da pittoresca expressão de Oliveira Martins, os papeis de que elle fôra emissario, e ahí, na presença do mesmo Stuart, o conselho, reunido, rejeita a Carta, protelando indefinidamente a sua execução.

A intervenção de Saldanha veio porem, de um golpe imprevisto, mudar a face das coisas. A Carta foi jurada e posta em vigor, e a Inglaterra reconheceu a legitimidade da nova ordem politica em Portugal.

Mas ao mesmo tempo começou a serie de pronunciamentos no sentido absolutista; a politica apostolica, triumphante em Hespanha com o restabelecimento do regimen absoluto de Fernando VII ameaçava Portugal com a possibilidade de uma intervenção armada como a que exerceu em Hespanha, e então o governo appella para a Inglaterra, que lhe manda 6.000 homens. Metternich, de mãos dadas com Luiz XVIII de França, vencia no momento, e Canning, justificadoamente alarmado, intriga em Paris para desviar o governo francès da alliança austriaca e manda para Portugal um corpo de observação afim de metter medo aos apostolicos de Hespanha e subtrahir Portugal á pressão da Santa Alliança.

Os liberaes portuguezes julgaram na occasião que a Inglaterra os vinha auxiliar efficaçamente contra os manejos dos realistas, mas tiveram logo a desillusão. A divisão de Clinton não se mexeu, apesar de a lucta continuar accesa contra os rebeldes, e quando mais tarde D. Miguel e seus partidarios difinem precisamente os seus propositos de abolir a Carta, a divisão de Clinton parte para Inglaterra. Consumada a traição, e D. Miguel proclamado rei absoluto, a Inglaterra não só não julga opportuna a sua intervenção — a despeito de havee conhecido o governo legal de D. Maria II, a despeito de D. Miguel ter jurado e confirmado perante as potencias a sua obediencia a esse governo e o seu respeito pela Carta, — mas, sem reconhecer o governo absoluto, sem declaração prévia qualquer que fosse, a Inglaterra presta os maiores serviços a D. Miguel e falta com a mais impudente felonía a todas as obrigações de neutralidade, a todas as considerações de decôro proprio, pelo menos, que lhe impunha o seu reconhecimento do regimen constitucional. Afrontando com a mais torpe cobardia o sagrado direito

(1) Portugal Contemporaneo.
(2) Ibidem.
(3) Portugal Contemporaneo.
(4) Ibidem.

(1) Felix Pereira de Magalhães — Apontamentos para a historia diplomatica de Portugal desde 1826 até 1834.

das gentes, a Inglaterra vae até ao extremo de perseguir nos mares a tiro de canhão os liberaes portuguezes desarmados e indefezos que havia expulsado do seu territorio, aonde esses liberaes se haviam acolhido suppondo encontrar nessa terra, regida por instituições liberaes, hospitalidade e asylo!

Eis a que actos a obsessão punica dos seus interesses economicos tem levado e levará sempre a Inglaterra, porque é evidente que era a desconfiança em que a Inglaterra estava a respeito do constitucionalismo, tomando como ponto de partida as resoluções das constituintes de 1820 com relação aos tratados commerciaes, que a completaria á pratica d'esses actos.

Desenvolveremos, porém, estes pontos e ver-se-ha como os interesses da Inglaterra se conciliarão com o constitucionalismo bragantino, qual, em seus sentimentos, nada tove de commum com a revolução sinceramente democratica e patriótica de 1820.

Afonso Ferreira.

A COMMIXÃO

Morreu a Commixão Municipal sendo sepultado juntamente com o seu chefe e correligionarios.

Já não ha *Thalassas*, já não ha *reimatas*.

O seu orgão *multicolor*, nunca presumiu, que tão cedo deixasse de dispôr dos dinheiros do municipio.

Tem que procurar outra industria em que possa applicar a sua actividade.

Não quer o *orgão*, que no cofre Camarario ficasse um saldo de 7:323\$796 reis, mas antes metteu-se-lhe no toutho quer convencer os outros, que ficou um *déficit*.

O fim é manifesto. O dinheiro desapareceria e a responsabilidade, segundo o pensar do orgão, iria para a camara transacta.

Se o *orgão mentor* não fosse muito bem conhecido, ainda poderia illudir algum ingenuo.

Desnecessario era prova da existencia do saldo, mas para mostrar quanto o *orgão* é ousado na mentira, transcrevemos aqui uma certidão, que temos em nosso poder, e que se mostra a quem desejar vel-a:

—«Abel Augusto de Sousa e Pinho, secretario da Camara Municipal d'Ovar, etc.

Certifico por ordem do Ex.^{mo} Presidente da Camara que do auto de tomada de contas ao thesoureiro, d'esta camara, lavrado hoje, consta que transitou para o anno seguinte um saldo de *sete contos trezentos e vinte e tres mil sete centos e noventa e seis reis*, sendo seis contos seis centos e sessenta e tres mil sete centos e seis reis em dinheiro, e seis centos e cincoenta e oito mil e noventa e seis reis em dividas activas relativas ao corrente anno.

Certifico mais que entre as dividas activas existem as seguintes: 80\$110 reis que deve o Dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco; 25\$100 que deve José Fragateiro de Pinho Branco; 6\$590 que deve Antonio Augusto d'Abreu; 94\$330 que deve Manoel da Cunha e Silva.

O que se acha certificado é verdade.

Ovar e secretaria da camara, trinta e um de dezembro de mil nove centos e sete. Eu Abel Augusto de Souza e Pinho a escrevi e assigno. Abel Augusto de Souza e Pinho.

Eis a realidade dos factos! E' digno de registo, que entre os devedores figure Antonio Augusto d'Abreu, o vogal da commixão, que tinha o monopolio das propostas, o homem do *movimento*, que em tudo mettia o nariz, porque assim lh'o ordenava seu mentor.

Das outras dividas não vale a pena falar, pois são bem conhecidos.

Qual o fim, porque esta gentinha não pagaria as suas dividas? Esperariam que houvesse perdão ou desconto?

Elles lá o lêm, lá o entendem. Mas, vamos ao *déficit* que o *orgão* diz existir.

Affirma elle que não se pagaram as verbas de instrucção primaria na importancia de 2:072\$618 reis.

Que se deve 757\$257 a Manoel Joaquim da Silva Valente.

Que foi aprovado em orçamento 1:190\$000 reis para a estrada Guilhovae.

Que não se converteu em inscripções, como era obrigação, 2:735\$400 reis, producto da remissão de fóros.

Foi verdade não se pagarem as verbas de instrucção primaria, porque muito mais do que essa

quantia deu o governo á camara, proveniente de subsidios que tinha obrigação de dar para a construcção das estradas feitas pela camara.

E, n'essas condições, pagar uma divida, a quem nos deve muito mais, não é simplesmente asneira, é mais alguma cousa.

A Manoel Joaquim da Silva Valente deve-se, hoje, sómente, 757\$257 reis, porque a camara transacta, durante a sua gerencia, lhe pagou 3:235\$000 reis, e esta divida era já antiga, e, assim, se nada se lhe pagasse, como fizeram outras gerencias, o saldo agora deixado, em vez de ser de 7:321\$796, seria de 10:556\$796 reis.

O orçamento da reparação da estrada de Guilhovae não representa divida ou encargo algum para a camara, porque essa verba foi votada para o anno de 1907, não houve arrematante e a camara foi reparando parte da estrada por meio da administração.

Acabou o anno, caducou o orçamento.

O dinheiro que a camara transacta era obrigada a converter em inscripções lá está convertido.

O *orgão* ou não soube lér e examinar bem as deliberações sobre o producto da remissão dos fóros, ou propositadamente quiz errar para illudir incautos.

E' esta a verdade.

Agora só nos resta felicitar-mos o concelho, por se vôr livre de tão conspicuo *mentor* a administrar, sem responsabilidade, o que é do municipio.

NOTICIARIO

TEMPO

Temos tido, e parece-nos que continuaremos a ter, um tempo *d'arrombal*...

Quasi tudo nos tem corrido ás mil maravilhas:—tempo bom; vivemos já com mais um *tudo nadinha* de liberdade, e... oh céos!... ainda nos parece um sonho, mas é, na realidade, uma realidade... e, já estamos, Graças ao Pae do Céu!... já estamos livres da maldada dictadura e d'essa *maldita e excommungada* praga do João Franco e seus derivados.

Pois meninos, é tal a nossa satisfação, que nos temos alimentado, quasi exclusivamente, com es-

—Nenhumas, absolutamente. Encontro em toda a parte onde me emprego amizade e confiança; e salvo um pouco do bom sumo da uva, que é o leite dos velhos, e que, graças a Deus, não é raro, nem caro nos nossos bons climas, não preciso de mais nada. O que precisa um homem da minha idade?

Pensar no futuro? Tua irmã é laboriosa: achará um bom esposo. Não será a minha sorte a mesma até á derradeira hora? De novo nada tenho a aprender de que possa fazer uso. Para que hei-de então acumular dinheiro? Junta-o para a tua idade madura, seria tolice: seria privar a tua mocidade dos meios de se desenvolver, e de assegurar o futuro.

—Pois é exatamente o vosso futuro que me atemorisa, meu pai! O futuro d'um velho, é a perda das forças, as infirmitades, o abandono, a miseria! E, se todos os vossos sacrificios forem inuteis! Se eu fôr destituído de virtude, de intelligencia, de coragem, de talento! Se eu não chegar a ter meios com que possa viver livremente, a casar bem minha irmã e a tornar feliz e segura a vossa velhice!

—Deixemo-nos d'isso! é ultrajar a providencia o duvidar de nós mesmos quando nos sentimos inclinados para o bem. Ora vamos conjecturar pessimamente, e verás que nada se perdeu. Supponho, que ainda que não passes d'um artista ordinario, ganharás sempre o teu pão, e, como és esportivo, saberás divertir os outros a teu modo. Farás como eu,

que, sem nunca ser rico, jámais me considere como pobre, não tendo nunca necessidades além dos meus recursos. E' uma philosophia que não conheces ainda, porque estás na idade das grandes aspirações e das grandes esperanças, mas que has-de conhecer, se se malograrem os teus projectos. Não admitto, por emquanto, que possam malograrem-se. Eis porque te não aconselho n'este momento a moderação. O valor moral vale ainda mais. Aquelle que melhor corre no jogo do annel enevria-se de alegria—ganha o premio e applaude-se de ter ousado correr; emquanto que o que se cançou inutilmente vai-se embora dizendo: sou infeliz, não voltarei a jogar, e sente-se contente de ter aproveitado com a experiencia e de poder dar uma judiciosa lição a si mesmo.

Mas, sinto a brisa da noite seccar um tanto depressa o suor da minha fronte. Vou tomar um refresco, junta os nossos utensilios e vai para casa.

—E vós, meu pai, quando voltareis?

—Oh! eu, Miguel, não sei bem nem quando, nem como! depende do contentamento que eu tiver á ceia.

Sabes que regularmente sou sobrio, e não bebo mais do que a sede que tiver; mas, se me fizerem cantar e rir, e tagarellar, exaltome, entro em accessos de alegria e de poesia que me levam até á lua; e, então, não devem fallar-me em me deitar. Não te inquietes por minha causa. Não cahirei em qualquer canto, não tenho a em-

SURDINA

No ar socegado um sino canta,
Um sino canta no ar sombrio...
Pallida, venus se levanta...
Que frio!

Um sino canta. O campanario
Longe, entre nevoas, apparece...
Sino, que cantas solitario,
Que quer dizer a tua prece?

Que frio! embuçam-se as collinas;
Chora, correndo, a agua do rio;
E o ceo se cobre de neblinas...
Que frio!

Ninguém... A estrada, ampla e silente,
Sem caminhantes, adormece...
Sino, que cantas docemente,
Que quer dizer a tua prece?

Que medo panico me aperta
O coração triste e vazio!
Que esperas mais, alma deserta?
Que frio!

Já tanto amei! Já soffri tanto!
Olhos, porque inda estaes molhados?
Porque é que choro, a ouvir-te o canto,
Sino que dobras a finados?

Trevas, cahi! que o dia é morto!
Morre tambem sonho erradio!
—A morte é o ultimo conforto...
Que frio!

Pobres amores, sem destino,
Soltos ao vento, e dizimados!
Inda vos choro... E, como um sino,
Meu coração dobra a finados.

E com que magua o sino canta,
No ar socegado, no ar sombrio,
—Pallida, venus se levanta...
Que frio!

Olavo Bilac.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

Por

GEORGE SAND

—Penso que tendes razão, meu pai, responde Miguel sorrindo; para ser desembarçado e perfeito é preciso presença de espirito com ardor da vontade, sangue febril e cabeça lucida, pensar e obrar simultaneamente. Não, certamente, este dom não é a todos concedido; e não é penalizante ver tantas organizações debeis e imperfeitas entre um numero tão restricto de piacidas e poderosas? De mim mesmo tenho medo, apesar dos vossos louvores por que raras são as vezes que me sinto n'esta disposição soberana e fecunda; e esta mesma, se a houve, ao vosso exemplo a devo.

—Não, não, Miguel, para os inaptos não ha exemplos... Pobres seres! fazem o que podem, e esse deve ser o motivo para que os mais robustos e mais haveis se imponham o dever de os alliviar. E não te sentes contente e orgulhoso de o teres comprido?

—E' verdade, meu pai; sabeis dar com o lado nobre e legitimo dos meus sentimentos, melhor do que eu proprio. Ah! Pedro-Angelo! não sabes ler e me tens ensi-

nado mil coisas que não conheces. Portanto, és a luz da minha alma, e eu sinto a cada passo, que dás vista a um cego.

—Está bem expressado, isso, está exclama o bom Pedro com sincera admiração. Desejaria que o escrevesse. Parece-se com as bellas maximas que os actores recitam em scena. Vejamos, como disscoste, repete. Trataste-me por tu, fallaste no meunome como se eu não estivesse presente, e pensasses no teu velho amigo. Oh! eu gosto dos termos bonitos, eu! *Pedro-Angelo! tu não sabes ler...* começaste assim... E depois, comparaste-te a um cegode quem eu era a luz, eu, pobre ignorante, mas cujo coração vê claro para ti, Miguel...

Não queres vir hoje cêar comnosco? Não gostas, decedidamente, de te associar com toda a gente Talvez tenhas razão. Dizem-te altivo, mas tambem és sobrio e honrado. Deves fazer o que te convem. Apesar de tudo, por mais digas, que faças o que fizeres, nunca serás um simples operario como eu.

Oh! meu pai, cada uma das vossas palavras me ferem o coração. As nossas pequenas dividas! fui eu que as contrai; e não somente para estudos, mas para loucos divertimentos e vaidades de rapaz. E quando penso que cada anno que eu passei em Roma vos custou o fructo de todo o vosso labor!...

—Então! para quem havia de ganhar dinheiro, senão para meu filho?

—Mos soffrestes privações!

sa satisfação; porém, ao contrario de nós, o franquismo, ultimamente, talvez se tenha, sómente, alimentado com o desgosto de se vêr summido, para sempre, nas profundas do inferno.

E, nem no inferno, devia ter parança quem foi a causa de se derramar tanto sangue, de se perder tanta vida e de ficar em desolação tanta esposa e filho querido.

Não nos admira que João Franco ainda não tenha succumbido ao remorso, porque lhe falta o senso commum e a vergonha de que deve ser dotado um homem de bem.

João Franco não é, pois, um homem d'esses, e a sua fuga não traduz remorso, mas sim receio de que lhe façam cahir a pelle com um azorrague.

Emfim já vivemos melhor, mas como dissemos no numero passado, precisamos de nos pôrmos melhor ainda...

PESCA

Tem havido trabalho de pesca, na costa do Furadouro, tendo ha-

briaguez dos estupidos; tenho-a dos bellos espiritos, pelo contrario. Assim fallando, Pedro Angelo tornava a subir os degraus exteriores de madeira que acabara de construir, porque havia conversado com Miguel no jardim, onde se deitara sobre a relva para respirar á vontade. Este ultimo, em vez de se retirar o susteve.

—Meu pai, diz elle, com extraordinaria emoção; a que deveis o direito de ficar n'este baile, em que entra a flor da aristocracia?

—Mas certamente, responde Pedro-Angelo surprehendido do reparo do mancebo. Fomos escolhidos muitos de cada profissão, ao todo uns cem operarios da elite para que tudo esteja em ordem durante a festa. No meio de tanto movimento uma peça de madeira pode dar de si, uma tela desprender-se e incendiar-se nos lustres; mil accidentes devem ser previstos, e um certo numero de braços experientes logo dispostos a remedial-os. Talvez nada seja preciso, e então passaremos á mesa uma noite alegre; mas, para o que succeder alli estaremos. Demais, temos licença de circular por toda a parte, afim de observar e prevenir um incendio, o mau cheiro dos morrões, a queda d'um quadro, d'um lustre, d'um vaso, que digo eu? Somos sempre precisos, e por turno, rondaremos, quando não seja senão para impedir os gatunos de se introduzirem.

(Continúa).

Clara de Miranda

vido lanço de quantia superior a 4:000\$000 reis.
A sardinha é muito grada.

CALOTE

A camara já receberia as dividas de fóros que lhe deviam os *Abreus e C.ª*?
E' de presumir que parte ainda seja devido, mas o pagamento não deve demorar.

Uma carta de Guerra

Junqueiro

O nosso illustre collega «O Mundo» de 13, publicou o seguinte carta de Guerra Junqueiro:

Meus amigos.

Antes de houtem em viagem, regressando de Hespanha, li por acaso no *Noticias de Lisboa*, do dia 5, um telegramma de Salamanca a meu respeito, com declarações que não fiz e ideias que me não pertencem.

Deduzia-se do telegramma que eu amaldiçoára o attentado, julgando por elle comprometida a causa da republica.

E' falso.

A um illustre hespanhol, meu amigo, um dos primeiros a interrogar-me sobre a formidavel tragedia, respondi o seguinte:

«Não mataram o rei: suicidou-se. (1) O rei era um monstro malefico, perturbador consciente de quatro milhões de creaturas. Se eu pndesse mata-lo em segredo, de longe, da minha cama, com o pensamento, não o mataria. Pela verdade, tenho a coragem de acusar. Talvez chegasse, não sei bem, até á coragem de morrer. Matar, não mataria nunca.

«O partido republicano nem organisou, nem aconselhou o attentado. O attentado foi obra unica de dois homens. E, com tudo as balas de morte partiram da nação. Foi um attentado nacional, Um raio esplendido e pavoroso, exterminador e salvador. O raio condensou-se em duas almas, apenas, mas a electricidade que o gerou sahio da alma de nós todos. Todos nós somos cúmplices.

Eis a impressão instantanea e fiel, que a morte do rei me causou, ao ter d'ella noticia em Salamanca.

Hoje acrescentarei:

Lamento, d'olhos enxutos, a execução do monarca. Mas, se tivesse o dom de o resuscitar, não o levantaria do seu tumulo. Deploro, angustioso, a morte do principe. E deante do cadaver dos homicidas, descubro-me, ajoelhando, com fremitos de terror, lagrimas de piedade, e, porque não heide confessa-lo? de admiração e de carinho. Mataram? E' certo, Ferozes? Sem duvida. Mas cruéis por amor, ferozes por bondade. Os que matam por amor, sacrificando o proprio corpo, são duros mas são bons. Abjectos e miseraveis são os que por egoismo e cobardia, calando e cruzando os braços, deixam morrer os innocentes.

Justiça perfeita, só no perfeito amor. O santo não destroe. Mas quando o evangelho dos santos fecunda as almas nobres, ainda impuras, a misericordia humilde converte-se de repente em combatividade heroica e generosa, que as leva ao odio e ao exterminio, pela justiça e pelo amor. São desta familia, são heroes, os dois regicidas portuguezes. Libertaram, morrendo, sacrificando-se. Idealidade, valor, desinteresse, abnegação. Heroes. Mataram um grande criminoso e o seu filho innocente. E' horrivel. Mas para elles, na sua concepção da historia, materialista e fanatica, o filho do rei era a vergontea da arvore, e a arvore de má semente queriam corta-la pelo tronco. Ideia barbara e cruel. Mas a violencia deshuma-

na do acto formidavel, remirama os algozes heroicos, lavando com o proprio sangue o sangue innocente que verteram. Mataram com atrocidade, e com atrocidade foram mortos. Expiaram a divida, purificaram o acto. E o acto, assim purificado surge-nos grande e luminoso, na essencia intima. Deu-nos a paz que fugira da patria, deu-nos a alegria que se evolara das almas. Libertou-nos, harmonisou e serenou. Esses dois corpos plebeus, varados de balas crivados de golpes, irradiam amor, affecto, descanço, para a nação inteira. Ha um rei no trono. Mas hoje nesta hora de liberdade e clemencia, pode dizer-se que são elles os dois regentes do reino.

Seu cordeal amigo, Porto, 10.

Guerra Junqueiro.

ANNOS

Fez annos, no dia 14, o menino Eduardo, filho do nosso amigo o snr. João dos Santos, e sobrinho do snr. dr. José Ferreira Marcelino, dignissimo advogado n'esta comarca.

O ex-governador civil de Lisboa processado

O nosso prezado collega, da capital, «O Mundo» vae pôr uma acção no Tribunal do Commercio, contra o ex-governador civil de Lisboa, Eduardo Segurado, em razão de este ter suspendido aquelle periodico, illegalmente, em 23 de Junho e em 2 de janeiro.

E' advogado, d'aquelle nosso collega, o illustro causidico dr. Afonso Costa.

DECRETO

Foi assignado, no dia 11, o decreto concedendo o indulto aos marinheiros departados em virtude da insubordinação em 1906, o qual irá á proxima reunião do conselho d'Estado.

E' um acto que não podemos deixar de registar como digno de todo o louvor.

DE LISBOA

Chegaram, no sabbado passado a esta villa, vindos de Lisboa, em automovel, os nossos conterraneos o sr. dr. Joaquim Soares Pinto e o sr. Manoel Maria Barbosa Brandão.

AS GALLINHAS DO HOSPITAL

O orgão *multiculôr* não levou a bem, que nós dissessemos, que a responsabilidade das irregularidades sobre o numero avultado de gallinhas, que se consumiram no hospital era do enfermeiro e não do fornecedor.

Não quer ficar de mal com o visinho, porque elle pode *fallar*, como *fallam*, as comadres quando se zangam.

Pois tenha paciencia. O fornecedor não tem culpas, nem responsabilidades.

No fim dos mezes as contas de todas as despesas são organizadas pelo enfermeiro, pois só elle sabe o que requisitou durante o mez.

Porque seria que o *Abreu do movimento*, não se confunda com o das *Botas*, não syndicou tambem d'este caso?

Teria muito serviço, ou não quereria concorrer para a indisposição dos amigos.

Baptisado e casamento

Teve logar, no domingo passado, na cidade do Porto, o baptisado da filha do nosso prezado amigo o sr. Alberto José Gonçalves, co-proprietario da typographia Penit sular, onde se imprime o nosso jornal.

A' neophita, que recebeu o primeiro sacramento na Sè, d'aquella cidade, foi-lhe dado o nome de Marilia d'Annuniação, sendo padrinhos o sr. Olindo Soares de Mattos Guimarães, director tecnico do nosso collega «O Primeiro de Janeiro», e a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria d'Annuniação Monteiro de Mattos.

O templo achava-se com os altares todos illuminados, tocando o orgão durante a cerimonia, á qual assistiram muitos convidados amigos do pae da creança, e que, reunidos em sua casa, o acompanharam até á igreja.

A neophita recebeu varias prendas, havendo, entre estas, algumas de subido valôr.

—Em seguida teve logar tambem pelas 4 horas da tarde na igreja de Cedofeita, o consorcio da Ex.^{ma} Snr.^a D. Thereza de Jesus Gonçalves Pires, mana do sr. Alberto José Gonçalves, com o sr. Casimiro Monteiro de Mattos Guimarães, filho do dito sr. Olindo Soares de Mattos Guimarães.

Paranimpharam, por parte da noiva, seu mano Alberto José Gonçalves e sua esposa D. Maria Annuniação Monteiro Gonçalves. e, por parte do noivo, seu pae o sr. Olindo de Mattos e sua esposa D. Maria Annuniação Monteiro de Mattos.

Finda a cerimonia, que revisitiu uma certa imponencia, foi servido um lauto jantar, de 40 talheres fornecido pela importante caza Grande Restaurante Suizo do Porto; de que é proprietario o sr. Manoel Gerales Pereira (Prim) que é digno de elogio pelo distincto *menú* que apresentou.

As mezas que se achavam dispostas na sala refugiam de crystaes, pratos e flores, etc, etc; sendo de um effeito deslumbrante.

Na *corbeille* dos noivos viam-se innumeras prendas, destacanse, d'entre ellas, as seguintes:

Do noivo á noiva, um adereço de ouro com pedras e rubins, da noiva ao noivo uma abotoadura douro e brilhantes, dos paes do noivo tres serviços de louça de porcellana finissima, do mano e cunhada da noiva um serviço de escovas para lavatorio, de prata; do tio do noivo Antonio Monteiro N. de Carvalho uma bengalla de castão de prata estylo Luiz XV, de D. Minelvina Pereira Cardoso, uma camiza de senhora de bretonha fina; da viscondessa de Francos uma corrente de ouro, para relógio; dos sobrinhos do noivo, um tinteiro de metal, Arte Nova; de João Pinto Nogueira, uma peça de bretonha fina; de Francisco Barbedo, 12 talheres; de José Garcia, 6 garrafas de vinho fino; de Jaime Ferrão de Figueiredo, um castiçal de prata, Arte Nova; de Mimi e Jaime de Figueiredo, uma bilheteira, Arte Nova; de D. Amelia F. Gonçalves; um serviço de crystal, para agua; de Alvaro Basto, um assucareiro de crystal e cristofle; de Antonio Pereira Nunes, uma caneca de crystal; de Antonio José Ribeiro, um serviço completo para lavatorio; de Daniel Augusto Bento, um estojo com escovas, de prata; de Bernardino Moreira da Silva, um par de jarras, de porcelana; de Manuel Martins da Silva, 3 jarras de porcelana.

Houve baile que correu animadissimo até ás 4 horas da manhã e assim terminaram as duas sympathica festas.

Os carros foram fornecidos pela importante alquillaria de Raymundo & Irmão.

Da nossa parte desejamos a neophita um porvir risonho junto de seus estremosos paes.

E aos noivos uma lua de mel cheia de felicidades.

PROCESSADOS

Consta que, á futura camara legislativa, será presente um requerimento, rogando sejam processados, criminalmente, por abuso do poder, os membros do governo João Franco.

Achamos justa a ideia, e, realisando-se ella, esperamos que, apenas, se faça justiça.

Entre-acto comico

Dizem que, ha dias, n'um rio das luzes, onde as lavadeiras costumam ir lavar roupas, a creada d'um *franquista convicto* se dirigira, com ares de Herodes, a uma das lavadeiras, nos termos seguintes:

«Oh senhor'Anna!...o meu patrão manda dizer que tirasse já a roupa que voces tem estendida nos *córadoiros*, para nós estendermos a nossa, senão que vem cá prendel-as.

E a tal Anna replicou: «Oh minha menina!... diz lá ao teu patrão que não se incomode em vir aqui, porque nós vamos já tirar a roupa.»

E a roupa tirou-se... cahiu o panno.

Do contrario até as pobres lavadeiras iriam parar, d'esta vez aos calabouços dos quartéis da guarda municipal de Lisboa.

Anjo da Guarda!...

Perdão aos marinheiros

da armada

Reuniu no dia 12 o Conselho d'Estado, sob a presidencia d'el-rei, estando presentes os srs. conselheiros Veiga Beirão, Antonio Candido, Julio de Vilhena Pimentel Pinto, José Novaes e Mello e Souza, sendo consultado sobre o perdão aos marinheiros.

El-rei, assignou o seguinte decreto:

«Sendo o meu mais decidido empenho iniciar o meu reinado pelo uso da prerogativa de perdoar que me concede o § 7.º do artigo 74.º da Carta Constitucional da monarchia, hei por bem decretar o seguinte:

Art. 1.º—São perdoadas as penas impostas ás praças da armada, pela sentença proferida pelo conselho de guerra e marinha, em 26 de agosto e em 1 de setembro de 1906.

2.º—E' concedida amnistia geral e completa:

1.º—Para os crimes de deserção simples do exercito e da armada e para a deserção aggravada, se esta o tiver sido sómente pela subtracção ou extravio de objectos militares.

2.º—Para as infrações por cujo motivo estejam cumprindo penas disciplinares os officiaes e praças de pret do exercito e da armada e para os effeitos das penas disciplinares que tenham sido cumpridas por officiaes do exercito ou da armada, desde 12 de fevereiro de 1907, até á data d'este decreto.

Aos reus a que se refere o numero 1 d'este artigo somente se applicará a dita amnistia, apresentando-se elles dentro de dois mezes no reino, quatro nas ilhas adjacentes e sei no Ultramar ou em paizes estrangeiros; em todos, quanto ao reino, ilhas e estrangeiro, desde a data em que este decreto fôr publicado na Ordem do Exercito ou da Armada; e em quanto ao Ultramar, desde o dia em que fôr publicado na capital da provincia.

O tempo decorrido desde que a praça se tiver constituído em deserção até ao dia da sua apresentação não lhe será contado como tempo de serviço para effeito algum.

Os processos instaurados pelos crimes comprehendidos na amnistia a que se refere o art. 2.º, ficam sem effeito; n'elles se fará perpetuo silencio; e os reus que estiverem presos com processo ou sem elle serão soltos, se por outro motivo não deverem ser retidos em prisão.»

UM FRANQUISTA FURIOSO

Contaram-nos que um *franquista*, d'esta villa, que a muitos que o ouvem, lhes parece ser capaz de *pôr serra sobre serra*, ao saber da morte d'el-rei e do principe real, abrindo a formidavel garganta, (sem ser a do Tenaro) exclamou *com voz pezada e amara*: «Agora, que morreu o rei e o principe, é que, o João Franco fica sósinho a governar e vai ser uma *razia*».

Este *franquista*, que diz agora que o era só para exercer vinganças, esperava, em breve, satisfazer os seus desejos... mas, sahulhe o bolo furado.

Banhos de chuva, caro senhor, banhos de chuva e... collete de forças...

ADEGA DO LUZIO

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o annuncio que vem publicado na 4.º pagina, com o titulo de «Adega do Luzio.»

CURIOSO!...

Na America do Norte, M. Thomson, juiz de toledo, estado de Ohio, sahindo de um banquete, um pouco *alegre*, deu-lhe para fazer algararra.

No dia seguinte, afim de dar um exemplo de imparcialidade, no cargo que exercia, apresentou uma queixa contra si, condemnando-se, publicamente, a vinte e quatro horas de prisão, por algararra nocturna, visto que a sua qualidade de magistrado era uma aggravante do delicto que, em geral, é punido com uma simples multa.

M. Thomson cumpriu logo a pena a que se condemnou, fazendo-lhe, os seus administrados, uma entusiastica manifestação logo que terminou a expiação da pena.

Pavorosa

Consta-nos que os ex-franquistas, actuaes reimatas, pretendem oppôr-se a que a camara expulsa violentamente, reassuma as suas funcções.

Deve ser de temer a opposição de tal gente.

A auctoridade administrativa ha-de providenciar de maneira a evitar tão grande manifestação, e, para isso, o unico meio, que vemos, é requisitar dois regimentos de artilheria, e as guardas municipais de Lisboa e Porto.

Casa

Antonio da Fonseca Bonito vende a sua casa sita na rua dos Ferradores, com quintal, ramada, um armazem de pedra, e caminho de pé e carro.

E' co-proprietario no terreno da servidão.



O ALBUM de COSTUMES PORTUGUEZES

(1) Precisamente a mesma frase que Brito Camacho escrevia na *Luota*, talvez á mesma hora.

ADEGA DO LUZIO

Uma coisa vou dizer-te,
Meu amigo, meu Antonio:
—Não me lembro já de ver-te,
Nem também, mas que demonio!
D'um versinho aqui fazer-te!...

Mas tu tens bom coração,
E porisso me desculpas;
Pois não sou como o XUÃO,
Que, por ter bastantes culpas,
Foi p'ra fóra da nação!...

Tenho estado adoentado,
Mas, agora, vou melhor;
E, uma vez APRUMADO,
Ver-me-has como um major,
Tezo, rijo e perflado!...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos
ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

— OVAR —

Afaiate natura da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2\$000 reis qual-quer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o proprio, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta todas as fazendas e não eintrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos os mercadores que trazem annuciado o GABÃO AVEIRENSE.

Lembra V. Ex.ª que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annunciam, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu estabelecimento.

Eu responsabilizo-me pelo seu bom acabamento, para o que tenho pessoal competente-mente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem innemnsiação alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar enganar.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e execu-tada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Forne-cem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos GABOES.

reços varios em tamanhos e qualidades.

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomen-aa de qualquer obra concernente d sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pe ssoalmente

LA VILLE DE PARIS
A. DELPORT, SUCCESSORS

Fabrica de corôas

e flores artificiaes

PREMIADA COM MEDALHAS DE OURO
EM TODAS AS EXPOSIÇÕES A QUE TEM CONCORRIDO

COROAS FUNEBRES

RAMOS para altar.
Grande sortido de plantas para adorno. Flôr de laranja, e todos os apresetos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.ª